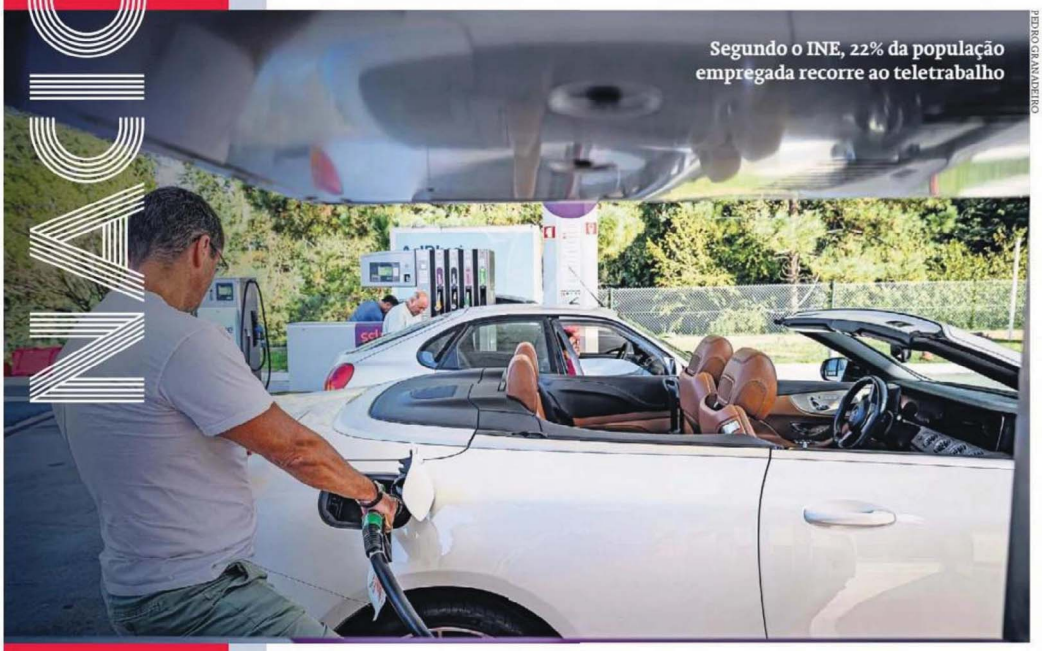
Aumento do preço dos combustíveis acelera procura por teletrabalho

Mais de 1,19 milhões de pessoas trabalhavam em casa no segundo trimestre de 2026. AEP confirma que a modalidade é uma das respostas à crise



Segundo o INE, 22% da população empregada recorre ao teletrabalho

PEDRO GRANADEIRO

Rui Farinha
rui.farinha@jn.pt

TENDÊNCIAS A subida dos preços dos combustíveis está a levar empresas e trabalhadores a reduzir deslocações, sendo o reforço do teletrabalho uma das principais soluções adotadas. No segundo trimestre de 2026, quatro meses depois do início da guerra no Médio Oriente, cerca de 1,19 milhões de pessoas trabalharam a partir de casa, mais 40 800 do que em igual período do ano anterior, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE). Contudo, os efeitos do trabalho à distância continuam a dividir opiniões, com especialistas a alertarem para consequências negativas, sobretudo para os trabalhadores.

O presidente da Associação Empresarial de Portugal (AEP), Luís Miguel Ribeiro, confirma que esta tem procurado responder aos "desafios da atual conjuntura" através de soluções que permitam "minimizar" os seus efeitos, como o teletrabalho. Ao JN, considera que, sempre que as funções o permitam, a modalidade pode ajudar a reduzir os custos, mas ressalva que "não é uma solução aplicável a todas as atividades nem a todos os trabalhadores". De acordo com o INE, o crescimento do teletrabalho (3,6%) superou o aumento da população empregada (2,9%) durante o mesmo período. E representa uma realidade para 22% dos trabalhadores.

Para Rita Barbosa Couto, doutoranda em Psicologia dos Recursos Humanos, do Trabalho e das Organizações na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, que investiga o teletrabalho, o encarecimento das deslocações "pode reforçar a motivação para trabalhar a partir de casa", sobretudo nas organizações que já oferecem flexibilidade. Manuel Carvalho da Silva, antigo secretário-geral da CGTP e investigador na área do trabalho, alerta que a poupança imediata nas viagens não deve ser o único critério de avaliação. "Pode haver opções que tragam ganhos imediatos e tragam outras perdas a prazo", afirma, defendendo que os efeitos devem ser analisados nas dimensões organizacional, económica e social.

REGIME HÍBRIDO DOMINA

O trabalho pontual em casa foi a modalidade que mais cresceu (12,7%), abrangendo 184 200 pessoas. Também o número de trabalhadores que estiveram sempre em teletrabalho aumentou 6,7%, sendo uma realidade para 268 mil. Já o regime híbrido, que combina trabalho presencial e remoto de forma regular, registou uma subida de 1,3%, estendendo-se a 484 400 pessoas. Para a AEP, os números traduzem uma consolidação gradual de uma modalidade que, apesar de relevante, continua longe de ser predominante devido à "estrutura produtiva e ocupacional do país".

ZONAS MUITO CINZENTAS

Já Manuel Carvalho da Silva defende o recurso a novas formas de prestação laboral, mas alerta para os riscos das "zonas muito cinzentas" por estudar. O antigo dirigente sindical denuncia que há trabalhadores que exercem funções quando estão doentes por poderem fazê-lo a partir de casa. "O direito à proteção na doença não deve ser confundido com a possibilidade de manter a atividade profissional remotamente", frisa o especialista, apontando a necessidade de refletir sobre o "enquadramento legal do trabalho à distância, a representação coletiva e o papel dos sindicatos".

Por seu lado, Rita Barbosa Couto considera que, sempre que possível, a modalidade mista pode resolver os desafios apontados por patrões e trabalhadores. "O trabalho híbrido permite conciliar algumas das vantagens do trabalho remoto com os benefícios da presença física, nomeadamente na interação entre colegas, na aprendizagem e na colaboração". ●



Luís Miguel Ribeiro
Presidente AEP

"A necessidade de atrair e reter profissionais qualificados poderá contribuir para a manutenção destas modalidades"



Manuel Carvalho da Silva
Ex-secretário-geral CGTP

"Há confusão entre o tempo de trabalho e de não trabalho. O teletrabalho tem precariedades não facilmente detetáveis"



Rita Barbosa Couto
Investigadora U. Lisboa

"Não existe uma resposta sobre se o teletrabalho é bom ou mau. O que devemos perguntar é para que tipo de pessoas é bom"

A RETER

Setor influencia
Luís Miguel Ribeiro indica que o teletrabalho é mais viável em áreas como tecnologias de informação, consultoria e finanças. Na construção, hotelaria, comércio, saúde ou indústria transformadora, a realidade é menos presente.

Organização laboral
O presidente da AEP considera que o regresso aos escritórios em algumas empresas representa "um reajustamento dos modelos de organização do trabalho, após vários anos de experiência com regimes remotos e híbridos".